

GALERIA REPUBLICANA

PROPRIETARIO — JOÃO JOSÉ BAPTISTA

Director: — Magalhães Lima. — **Collaboradores:** — Augusto Rocha, Alexandre da Conceição, Antonio Furtado, Anselmo Xavier, B. Machado, Bernardino Pinheiro, Costa Goodolphim, Fernando Leal, Gomes Leal, G. Benevides, José J. Nunes, J. M. Latino Coelho, Reis Damaso, Silva Graça, Silva Lisboa, Teixeira Bastos, Theophilo Braga, Trigueiros de Martel

PHOTOGRAPHIAS DE ANTONIO MARIA SERRA

Numero 7

Abril — 1882

1.º anno

MANUEL D'ARRIAGA

Póde affirmar-se sem receio de contradicção, que não ha entre os leitores d'esta publicação um só, que o não conheça como um dos vultos mais sympathicos da democracia portugueza. E poucos haverá, que não tenham tido occasião, n'uma assembléa, n'um tribunal ou n'um comicio, de applaudir a altivez correctea e digna do seu caracter, e de sentir-se penetrar pelo calor generoso da sua palavra, a um tempo severa e enthusiastica, insinuante e grave.

Collocado hoje, apezar de todas as suas reluctancias, e pelas exigencias do meio, em que as suas idéas e o seu talento o impellem, na mais intensa luz de publicidade; vivendo, bom ou mau grado seu, no fóco d'esse movimento, já hoje vasto e poderoso, da democracia militante, que se propõe reaninar as velhas energias portuguezas, adormentadas mas não mortas, este trabalhador infatigavel e benemerito, soube ha muito impôr o seu nome á admiração dos seus, ao respeito dos contrarios.

Se fizemos excepção de algum desprezível reptil, d'esse que ahi pullulam nos mais fetidos lódos do pantano monarchico, e cujos instinctos os levam a abocanhar o merito que os affronta, como para consolar-se do desprezo, de que se sentem esmagados, ninguem, amigo ou inimigo, pôz ainda em duvida a honestidade do seu caracter, ninguem desconhece a

sinceridade das suas opiniões, e as levantadas virtudes cívicas, que o recommendam como um espirito de eleição.



MANUEL D'ARRIAGA

Os factos fallam por elle bem mais alto do que nós poderíamos fazel-o. Porque accetámos então a difficil e ociosa tarefa de vir fallar d'elle aos leitores da *Galeria Republicana*?

Devemos confessar aqui, que desde que tal encargo nos foi commet-

tido, este ponto de interrogação se collocou diante de nós erecto e ameaçador; e confessar, ainda que elle nos fez hesitar, tanto o presentimos armado de replicas mordentes.

— Por muito cuidadosamente que vos abstenhaes de panegyricos, não poderá dizer-se-vos que apregoaes os vossos homens, no momento em que mais instante vos corre o dever de apregoardes as vossas idéas? — A vida de Manuel d'Arriaga é um limpo chrisal, a que mais de uma vez tem vindo espreitar os infimos malsins da monarchia. Não irão pensar esses molluscos rastejantes, que vós tomastes nota da sua immunda passagem, e correis com a esponja molhada para fazer desaparecer a baba, que elles lá deixaram? — Nunca poderíamos consolar-nos do desgosto de lhes termos suscitado, por um momento sequer, tão grata illusão: D'ahi as nossas hesitações.

N'um tempo porém em que as mil corrupções de um poder desmoralisado atacam e dissolvem tudo, que na sociedade devera ser independente e respeitavel; em que tantos homens, que pelos seus talentos e illustração poderiam com um pouco mais de dignidade e patriotismo cooperar proficuamente na obra da regeneração social, sentem fallecer-lhes a coragem para a lucta, e correm pressurosos a vender as consciencias, conquistando a prego das subservencias mais humilhantes o seu logar na orgia, entendemos que nunca serão

de mais as nossas homenagens, as manifestações do nosso respeito para aquelles que á satisfação d'uma vaidade ridicula ou d'uma cobiça sordida, aos accrescentamentos mesquinhos e egoistas do seu dia, souberam antepôr o culto austero da justiça, a religião da moralidade, os deveres arduos mas inolvidaveis do patriotismo.

E se o partido republicano deve consideração e respeito a todos os que se collocaram nas suas avanças, prestando-lhe todo o concurso do seu talento e da sua abnegação, devotando-lhe toda a sua actividade com sacrificio proprio, poucos poderão talvez allegar melhores direitos do que Manuel d'Arriaga ao nosso reconhecimento. Porque não é elle um republicano que, como outros mais bem fadados pela sorte, bebesse com o leite materno o amor da democracia, e tivesse apenas que deixar-se levar sem fadigas nem obstaculos na onda do progresso.

Sobre o seu berço de infante nunca se debruçou uma fronte jacobina, nem perpassou jámais a embalar-lhe o somno uma toada fugitiva e longiqua dos hymnos do futuro: E na idade em que a razão desperta, e as idéas se imprimem mais fundas, se a casa paterna offereceu algum symbolo á sua veneração, esse symbolo não seria de certo o barrete phrygio.

Bem longe d'isso: para chegar até nós forçoso lhe foi transpor mais d'um obstaculo; para poder emfim pôr ao serviço da causa republicana a sua intelligencia e o seu trabalho com a prodiga generosidade com que o está fazendo, que de contrariedades vencidas, que de combates travados contra inimigos formidaveis, que de desgostos soffridos!

Adolescente ainda, na idade em que o caracter mais finamente temperado não tem adquirido a consistencia e a energia necessarias para as longas e pertinazes resistencias, Manuel d'Arriaga, a quem a rectidão verdadeiramente precoce do seu espirito, e as aspirações da sua alma entusiasta arrastavam invencivelmente para um ideal mais largo de justiça e de liberdade, começou a achar irrespiravel a atmospheria em que nascera.

D'ahi resultaram as suas primeiras luctas, por ventura as mais asperas e dolorosas, porque as suas consequências, exploradas com feroz habilidade pelos inimigos seculares de tudo quanto é nobre, independente e livre, ainda hoje talvez se estão repercutindo na sua existencia, procurando feril-o no que ha de mais intimo e sagrado.

Releve-nos elle, se constringido pelo dever de fazer justiça á inteireza inquebrantavel do seu animo, não podemos deixar de alludir aqui passagieramente a factos recentes, que embora estejam hoje no dominio publico, embora não possam deixar a sombra mais imperceptivel na sua dignidade de homem, na sua piedade de filho, e melhor sirvam pelo contrario a evidenciar-lhe os finos quilates, não deixam por isso de ter uma feição melindrosa e defesa, para todos os que sabem achar a necessidade do respeito alheio no seu proprio fóro intimo.

D'esse primeiro e lamentavel desaccordo de idéas resultou para Manuel d'Arriaga, como consequencia immediata, a privação de todo o auxilio paterno no momento em que principiava os seus estudos; e como consequencia mediata, um ataque em regra dado pelos saiteadores negros que infestam a nossa sociedade com o beneplacito e o apoio da monarchia, ao seu patrimonio, e, o que mais doe, ao coração de seu pae.

Toda a gente sabe hoje que Manoel d'Arriaga, privado ao entrar na Universidade de todo o auxilio paterno, só deve o grau scientifico que ali conquistou, e a profissão de advogado que hoje exerce com tanta nobresa e desinteresse, ao seu trabalho pertinaz, e a uma energia tão pouco vulgar, que lhe sobejou ainda para ir em socorro de um seu irmão mais novo, para quem se fechara tambem a bolsa paterna.

A sua passagem na Universidade foi assinalada por factos bem notorios, em que o seu caracter e as suas idéas ficaram nitidamente desenhados.

Aos que quizerem ter uma noticia succinta do que tem sido a sua vida publica desde então até ao presente, tomamos a liberdade, em vista da estreiteza do espaço de que aqui dispomos, de os remetter para o numero 169 do *Seculo*, em que ligeiramente a esboçámos.

A monarchia, que obedecendo aos dictames da sua educação jesuitica, não costuma fazer questão de preço quando se tracta de *adquirir* para o seu gremio uma intelligencia, e que depressa conheceu que em Manuel d'Arriaga havia um homem de talento e de futuro, não se descuidou de fazer junto d'elle as suas tentativas de corrupção.

A mais notavel d'estas foi a offerta que lhe foi feita do logar de professor de inglez dos principes; offerta que Manuel d'Arriaga regeitou com delicadeza e ao mesmo tempo com a alvêz propria do seu caracter, ainda que pouco vulgar.

E dizemos pouco vulgar porque de facto, e é com repugnancia que o constatamos, todos os dias estamos ahí presenciando d'essas transacções miseraveis.

Dos homens que hoje disfructam os mais cariciosos affagos da monarchia, e os mais succulentos manjares do festim orçamental, quaes são os que não obtiveram da monarchia esses accrescentamentos egoistas e aviltantes, a troco da liberdade do seu pensar, da honestidade das suas consciencias?...

Pouquissimos, se algum ha nos arraias monarchicos que não se tenha submettido a essa castração mental.

E' bem pôde dizer-se que é esta uma das manifestações mais desastrosas da acção dissolvente da monarchia sobre a sociedade portugueza: a ella deve attribuir-se em grande parte a espantosa depressão a que chegou entre nós o senso moral.

Porque não é só o exemplo de tantos homens de conhecida illustração prestando o seu concurso a todos os maus procedimentos de uma instituição reprovada, exemplo que já por si só exerce uma influencia profundamente perturbadora nos espiritos honestos e tímidos; mas é além d'isso a devastadora propaganda do cynismo, da impudencia, do exito, que todos esses illustres vendidos se veem obrigados a fazer, não tanto para conseguir o aviltamento alheio como para esconder o proprio.

Assim aconteceu que entre nós, e todos o temos presenciado, a isempção, o desinteresse, a independencia de caracter, a propria probidade, chegou a ser um objecto de riso e de chacota, precisamente como se a'guem fosse fazer na *corte dos milagres* a censura do roubo.

Felizmente porém que começamos a emergir d'esse pantano; n'essas aguas mortas determinou-se uma corrente, e já hoje vae sendo possivel, sem receio dos apupos d'esses escravos, contrapôr á sua ignorancia exemplos de desinteresse, de inteireza, de honestidade.

A estes chamam-lhes revolucionarios, sem attentarem na inepta confissão que vem implicita no pretendido insulto.

Que idéa pôde fazer se da sociedade em que um homem só pelo facto de ser digno e honesto, tem direito ao epitheto de revolucionario?

Manoel d'Arriaga revolucionou-se mais uma vez r'pellido como dissemos, em nome dos seus principios democraticos, tão larga e t'lo publicamente affirmados, as seducções da monarchia; podia tel-as repellido simplesmente como uma affronta aos seus

brios e ao seu caracter, visto como é transparente a intenção com que se vae offerrecer a um republicano ferrenho e convicto, um logar de preceptor de principes!

Pagou a ousadia, perdendo o logar de professor do lyceu de Lisboa, que exercia, e em que prestára serviços, logar que lhe foi tirado a pretexto d'uma reforma, mas em realidade como castigo da sua altivez, e para que ficasse sabendo que quem governa estes estados é a monarchia, e que todos os cargos publicos são mercês de Sua Magestade.

Pela primeira vez em 1878 um grupo de amigos e admiradores das suas qualidades, entre os quaes o auctor d'estas linhas era o menos prestimoso que não o menos dedicado, offerreceu o seu nome aos suffragios dos republicanos, pelo circulo da baixa, em opposição ao sr. Pereira de Miranda, candidato progressista, obtendo uns 500 votos contra pouco mais de 1000, que teve o seu adversario; resultado extremamente notavel, attentas as condições da lucta.

O alto valor d'essa votação foi o primeiro grito d'alarme no campo monarchico, o primeiro facto de tal notoriedade, que a camarilha não poud occultal-o completamente a seu amo.

Quinhentos homens independentes, quinientas consciencias incorruptiveis, porque era forçoso que o fossem, responderam assim ao nescio appello dos que perguntavam então com ridiculo entono: — Onde estão os republicanos?...

Hoje já lhes é difficil saber onde elles não estão.

Em 1881, o *Club Henriques Noqueira*, importante associação republicana, composta na sua maioria de membros do commercio, offerreceu a Manoel d'Arriaga a candidatura pelo mesmo circulo da baixa, vencendo com difficuldade a sua reluctancia; e conseguiu n'essa memoravel campanha demonstrar a toda a evidencia que, ao menos n'aquelle circulo a grande maioria da população é republicana.

Estão ainda na memoria de todos os extremos de violencia e de descaçada corrupção a que teve de recorrer a monarchia para dar ao seu candidato uma escassissima maioria, que se a não livrou do desastre moral, livrou-a ainda assim de ouvir no parlamento um legitimo representante do povo.

A lucta era então com o sr. Rosa Araujo, que poderá ser um bom negociante, mas que não é com certeza da massa de que se fazem os legisladores.

Nem elle proprio o pensa, façamos-lhe essa justiça.

Mas era presidente da camara municipal, era rico, e era mais do que isso, era o escolhido do governo da monarchia para vedar a entrada no parlamento ao deputado republicano. Pois não devemos esquecer que em taes condições, o deputado monarchico, rico de dinheiro seu e nosso, e de influencias licitas e illicitas obteve 1:413 votos; e o deputado republicano 1:267. Foi a guarda municipal que devotando-se mais uma vez pela patria, decidiu da victoria n'essa batalha incruenta, em que longe de se matarem os vivos, mais de uma vez se resuscitaram os mortos..

O sr. Rosa Araujo entrou triumphantemente no parlamento e lá está. Já hoje pôde dizer-se que não foi inutilmente que se gastou para esse fim o seu dinheiro, e o nosso.

Manoel d'Arriaga ainda d'essa vez não foi deputado.

Ha de sel o.

Entretanto continua a trabalhar á sua banca de advogado; sem occultar nem renegar o seu passado, continua a verberar todas as miserias, e a desprezar todos os miseraveis, forte pela consciencia de um alto dever cumprido, e credor de todos os nossos respeitoos.

Abril de 1882.

SILVA LISBOA

OS JESUITAS

A liberdade é opposta ao despotismo como a luz ás trevas, como o calor ao gelo, como a alegria á tristeza.

A liberdade é a vida, o despotismo é a morte; aquella reina pela intelligencia, esta pelos heroes da crueldade. D'um lado estão os direitos do homem, do outro as cadeias da escravidão.

Em torno da liberdade acerçam se os espiritos generosos, os que amam o progresso e querem repartir a todos uma fatia de pão; junto do despotismo agrupam-se os ambiciosos e tyrannos, sedentos de ouro e de sangue.

Passou o seu nefasto dominio, mas, acordaes ó povo, que os jesuitas á semelhança de hydra de sete cabeças, ainda pretendem erguer se e juncar a terra de cadaveres, encher o mundo de horror com as scenas barbaras com que enluctaram as paginas da historia.

A grande commoção politica que por vezes fenece no seio das nações

não é mais do que o combate da liberdade com o despotismo.

O jesuita vê proximo a sua aniquilação completa, quer ainda erguer-se e firmar de novo o seu poder. Na Allemanha procurou aniquilar com o assassino o chancellor do imperio, que por uma vez pretendia como o marquez de Pombal, ceifar pela raiz aquella arvore venenosa. Na Hespanha buscou Carlos VII e quiz á sombra d'elle alcançar o perdido dominio.

Na França procurou na antiga realleza tambem um elemento para o seu jogo politico.

Em Portugal tem sabido introduzir-se em toda a parte, porque os governos menospresando a liberdade, tem o desleixo criminoso em todas as questões de supremo interesse, sendo necessario, portanto, que o povo proteste e mostre a sua energia.

O que foram e o que são os jesuitas todos o sabem; não fazemos mais do que trasladar o que a historia encerra nas suas paginas.

Dizia o padre Bellarmino: o papa, pode mudar os imperios, tirar a coroa a um rei para a dar a outro, como principe soberano espiritual, se elle julga que isto é necessario para a salvação das almas. Isto define a vastidão dos seus planos.

N'outros artigos trataremos das suas doutrinas e de factos comprovativos da sua condemnação. Por hoje apresentamos o quadro, ainda que resumido, dos seus feitos gloriosos.

Em 1547, Affonso Bobadilla, companheiro de Ignacio, foi expulso da Allemanha.

Em 1560, Silveira, foi suppliciado como espião.

Em 1581 levantaram cinco conspirações contra a rainha Izabel de Inglaterra e dezeseite contra Henrique IV.

Em 1588, protegem a liga contra Henrique III de França.

Em 1593 levantam o punhal contra Henrique IV.

Em 1594 são expulsos da França como cúmplices de João Chatel.

Em 1595, o padre Guisarde accusado de promover o assassinato de Henrique IV.

Em 1598, corrompem um sclerado, mostram-lhe Deus d'um lado e do outro um punhal, apntam-lhe a coroa eterna descendo sobre a sua cabeça, e mandam assassinar Mauricio de Nassau e são por isso expulsos dos Estados da Hollanda.

Em 1604, são expulsos do collegio de Breda.

Em 1605, Oldercoin e Garnet, au-

tores de conspiração de pólvora, são julgados em Londres.

Em 1600 são expulsos do território da republica veneziana.

Em 1618, os jesuitas são expulsos da Bohemia como agitadores da ordem publica, revoltando o povo contra os magistrados, prégando a perigosa doutrina da infalibilidade do poder universal do papa.

Em 1699, são expulsos da Moravia pelas mesmas causas.

Em 1651, alagam o Japão de sangue.

Em 1641, levantam a celebre questão de jansenismo.

Em 1643, são expulsos de Malta.

Em 1646, promovem em Sevilha a banca-rola, deixando na miseria muitas familias.

Em 1729, são expulsos da Russia.

Em 1755 promovem escandalosas scenas no Paraguay.

Em 1759 são expulsos de Portugal e em 1761 da França.

COSTA GOODOLPHIM.

TRINTE PORTUGAL

Portugal! Portugal! teu negro fado
Te esphacella e conduz á sepultura;
Tudo! uma monarchia inepta e dura
Por quem tu nesciamente és governado.

Aos teus heroes pagaste com usura...
E hoje vanglorias-te do passado.
Hontem soberbo, ativo e exaltado;
Hoje... alvo de uma Morte prematura.

Onde estão tuas glorias?... as conquistas?..
As armas e os varões assignalados,
De quem vaidosos fallam os chronistas?..

Hoje... só corrupção, e vis tratadas;
Hoje... só as traições dos monarchistas;
Hoje... fraudes e impostos reiterados.

CONSTANCIO D'OLIVEIRA.

CHRONICA

Uma triste noticia, meu amigo.
Apagou-se a luz d'aquelle grande espirito de Guilherme de Azevedo.

Tu conhecial o decerto, do *Antonio Maria*, onde elle, com a sua prosa scintillante, correspondia brilhantemente ao desenho de Bordallo Pinheiro. — Juntos valiam por um bom exercito de revolucionarios. Eram dois demolidores de primeira ordem, dois dissidentes, dois valorosos companheiros. Desappareceu o primeiro, mas ficou o segundo no seu posto de honra.

Guilherme d'Azevedo morreu re-

publicano declarado. Era dotado de uma extraordinaria independencia. Animo varonil, espirito forte, caracter brioso, detestava por egual o *réclame* dos jornaes e a adulação dos amigos officiosos.

Como poeta deixa um livro superior — *A Alma Nova*; como prosador, como critico, como humorista, deixa as suas chronicas immorredouras para a *Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro, de que era o actual corespondente em Paris, e os seus artigos deliciosos do *Diario da Manhã*, do *Occidente* e do *Album das Glorias*.

O que fazia, fazia-o sempre bem, muito bem, com muitissimo escrupulo e consciencia. Era sem contestação alguma o primeiro chronista portuguez da actualidade. Nos seus escriptos destacava-se principalmente o bom senso, que nunca perdeu.

As letras patrias perderam em Guilherme de Azevedo um dos seus principaes cultores e dos mais originaes.

A *Galeria Republicana* honra-se hoje muito em prestar decidida homenagem a esse seu illustre confrade, um dos seus mais gloriosos camaradas na vida tumultuosa da politica e do jornalismo.

Chegou Bordallo Pinheiro. Chegou e chegou bem. Já nos fazia falta. Hão de ver agora as surpresas e as novidades que o *Antonio Maria* nos prepara. Um grande e um verdadeiro successo!

Hurrah! Hurrah!

Sabes que vamos ter o *Noventa e Trez* na Rua dos Condes? Que dirás tu, meu amigo, quando vires em scena os vultos gigantes de Marat, de Robespierre, de Danton, mostrando-te como se combate pela patria e de que modo se implanta n'um paiz um governo republicano?

E' preparar essas mãos e esse espirito para uma emoção valente e duradoura.

Para te fallar em politica terei de te recordar as falcatruas do teu governo. O bando insolente continua a rir-se de nós. Já é! já é! Pois não sabes que essa gente, depois de ter prometido modificar o tratado de commercio com a França, nada fez nem fará para attender ás justas reclamações dos industriaes portuguezes?! Que bregeiros!

E aqui estamos nós de braços cruzados a deixar-nos expoliar por e-ses trapaceiros sem nome.

Quando te decidirás tu, ó *Zé-Povinho*, a cumprir com o teu dever.

Ainda outro facto: Foi querellado *O Antonio Maria* por ter offendido a religião. Bem me queria a mim parecer que a monarchia estava ha muito de mãos dadas com os jesuitas. Pois não viste como o governo prohibiu que no salão de D. Maria se realisasse a conferencia do illustre professor Theophilo Braga!

Chegámos aos tempos inquisitoriaes. O cacete virá. Já temos a censura prévia; já temos o sr. Arrobas e a sua policia; já temos tudo o que constituia o grande cortejo das civilisações barbarescas.

E *Zé-pagante* a dormir, a dormir...

De letras falar-te hei no proximo numero da *Comedia do Campo* de Teixeira de Queiroz, 3.º volume.

SILVIO.

ERRATAS

Aos versos *Replia a um Catholicos*, publicados no n.º 5 d'este jornal.

Verso 66, onde se lê:
E, deixando-a sem luz de grillheta ao pé
Deve lêr-se:
E, deixando-a sem luz e de grillheta ao pé

Verso 84, onde se lê:
Queima pois os atheus etc.
Deve lêr-se:
Queimar pois os atheus etc.

EXPEDIENTE

Condições da assignatura

LISBOA

24 numeros..... 960

PROVINCIAS E ILHAS

Anno ou 24 numeros..... 1500

Avulso 50 réis, e 15 dias depois da publicação 100 réis.

BRAZIL

Anno ou 24 numeros, moeda forte. 25400

Avulso..... 150

As assignaturas são pagas adiantadamente, sem o qual não se satisfaz pedido algum.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador e proprietario da GALERIA REPUBLICANA, João José Baptista, Largo do Passeio Publico, 17, Tabacaria Victor Hugo.

No proximo numero damos o retrato de Louis Blanc.

TYR.—RUA DOS CALAFATES 93